

**MODERNISMOS EM REVISTAS: AS PLURALIDADES DO MODERNISMO
MINEIRO COM OS PERIÓDICOS *A REVISTA* (BELO HORIZONTE, 1925-1926) E
VERDE (CATAGUASES, 1927-1928;1929)**

Luciana Francisco

Mestranda Unesp/Assis

lucianafrancisco.lfr@gmail.com

Bolsista Fapesp nº 2018/14554-1

Resumo: Do rol de revistas modernistas publicadas no decorrer da primeira década do movimento no Brasil, o estado de Minas Gerais foi cenário de dois importantes periódicos: *A Revista* (Belo Horizonte, 1925-1926) e *Verde* (Cataguases, 1927-1928;1929) que, em conjunto, desenharam as experiências plurais do modernismo e desempenharam papel chave na trajetória do movimento. Visto o lugar em que se inserem na cadeia de periódicos modernistas, a perspectiva de análise sincrônica permite visualizar as singularidades destes modernismos mineiros e sua incorporação ao movimento nacional. Tendo em vista a atuação e influência das redes de sociabilidade nas quais circulavam os adeptos da nova estética, é possível repensar a legitimidade de alguns projetos, enquanto outros contemporâneos são tidos como dissidentes, como os casos de *Novíssima* (SP, 1923-1926) e *Festa* (RJ, 1927-1928; 1934-1935). Assim, a construção plural do modernismo pode ser visualizada na composição de revistas e grupos que partilham projetos, mas também as disputas que estabelecem para defender a sua posição dentro do movimento.

Palavras-chave: revistas modernistas, modernismo mineiro, grupos intelectuais

Compreende-se que o termo modernismo engloba uma variedade de sentidos – ainda mais quando combinado às ideias de moderno e modernidade –, mas que no Brasil remete a um movimento artístico e literário desenvolvido ao longo da década de 1920 e que atravessou as seguintes. Por sua vez, a própria imagem de movimento nos traz a complexidade de algo que se forma no caminhar ao incorporar novos projetos, atores, lugares e, assim, também se modifica. Logo, o movimento modernista brasileiro foi uma construção coletiva que teve a icônica Semana de Arte Moderna de 1922 e a criação da revista *Klaxon* (SP, 1922-1923) como

um importante marco, mas que se delineia anteriormente e se desdobra em perspectivas plurais à medida em que novas revistas surgem em outros estados e compõem as múltiplas experiências do modernismo. Neste sentido, pesquisadores passaram a adotar o plural, modernismos, esclarecendo o feixe de sentidos que engloba o termo.

A partir desta perspectiva, o modernismo não se resume a um determinado evento, grupo ou periódico, exigindo olhar atento de maior amplitude que leve em conta a construção do movimento a partir da sucessão de pequenas revistas, surgidas em diferentes cidades do país. Assim, após a iniciativa paulista, outras publicações surgiram no Rio de Janeiro e depois em cidades de Minas Gerais, desenhando a experiência que se pode denominar “modernismo de província” (MARQUES, 2011), mas que se projeta em direção à cena nacional, participando da construção coletiva do modernismo brasileiro.

Na configuração destas “vanguardas em movimento” (MARQUES, 2013, p. 12), as revistas literárias foram porta-vozes do modernismo, distinguindo-se pela agilidade, flexibilidade e capacidade de reinvenção, sendo intensamente mobilizadas pelos que questionavam a ordem vigente. A quase simultaneidade entre o fim de uma publicação e o início de outra marca duplamente a continuidade e mutabilidade do movimento em que há o diálogo na composição coletiva do projeto modernista; cada revista reage a um conjunto de desafios próprios do momento e local em que surgem.

A produção modernista mobilizou o periodismo na divulgação de seus ideais, apoiando-se também na imprensa jornalística, sobretudo na midiaticização de seus manifestos, porém são as revistas que melhor permitem visualizar a formação de grupos e propostas de renovação do movimento.¹ Desse modo, o suporte revista não pode ser entendido como mero receptáculo de textos, mas, sim, como necessário exercício de compreender as particularidades da literatura pensada e produzida nesta imprensa (THÉRENTY, 2009).

Embora conte com consistentes pesquisas a respeito, os estudos que tomam a literatura produzida na imprensa periódica como fonte e objeto são relativamente recentes no campo da história literária, podendo destacar o projeto pioneiro idealizado pelo Prof^o José Aderaldo Castello e ligado ao IEB-USP (Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo), e as pesquisas coordenadas pela pesquisadora Cecília de Lara a respeito das revistas

¹ É complexa a definição de revistas para estes periódicos, uma vez que alguns grupos publicaram suas ideias em formato de jornal, como é o caso de *Terra Roxa e outras terras* e a 2ª denteição da *Revista de Antropofagia*, ou ainda o suplemento literário *Leite Criôlo*.

do Modernismo brasileiro. Nesta esteira, os estudos da historiadora Tania Regina de Luca (2011) contribuem com novas propostas metodológicas ao aliar as análises sistemáticas do impresso a uma visão sincrônica das demais publicações que circularam no período estudado. Adotando esta perspectiva, para além da análise material, combina-se uma rede de contatos, mediações e projetos em disputa que podem revelar uma complexa rede na qual se entrelaçam os vários atores envolvidos nos projetos editoriais de um mesmo período: um ângulo interessante para pensar as revistas modernistas, seus grupos e ideias.

Modernismos mineiros e legitimação

A concepção de um modernismo mineiro não possui significado único e nem se resumiu ao mero provincianismo, tendo em vista a ambivalência de projetos desenvolvidos neste cenário. Neste sentido, a adoção do plural contribui para que não haja uma definição simplista desta experiência modernista. Para a compreensão de como articulam estes modernismos de província é necessário buscar suas singularidades, ou seja, o envolvimento destes grupos com o ambiente em que se inserem e, também, a forma como cada um dos grupos reinterpreta sua tradição e a revela na cena nacional. Como proposto por Ivan Marques (2011), em seus estudos a respeito do modernismo belorizontino, é preciso ir além da visão predominante sobre o modernismo mineiro como um desdobramento do movimento paulista, e tampouco se deve ir em direção de uma simples reivindicação regionalista de sua existência como iniciativa isolada, sendo assim, é preciso um olhar atento às singularidades do modernismo provinciano em sua autonomia e limitações.

Entre outros periódicos mineiros (DIAS, 1971) que configuram estes modernismos de província, pode-se afirmar que foi com as publicações de *A Revista* (Belo Horizonte, 1925-1926) e *Verde* (Cataguases, 1927-1928; 1929) – iniciativas individuais surgidas, respectivamente, na capital e interior mineiro – que Minas consolida sua participação no modernismo, marcando a primeira presença do movimento para além do eixo São Paulo/Rio de Janeiro. Neste ponto, vale ressaltar a legitimidade pela via do reconhecimento obtido junto aos principais intelectuais da Semana de 1922, enquanto outras iniciativas foram vistas como “dissidentes” (PRADO, 1983) do projeto modernista.

A validação de alguns projetos e periódicos em contraposição ao esquecimento e a não legitimidade de outros pode ser explicada por três motivos combinados: a consagração pela crítica literária que elege e hierarquiza nomes, os posicionamentos políticos destes intelectuais que se definem nas décadas seguintes e, até mesmo por reflexo dos pontos anteriores, os projetos editoriais fac-símiles que selecionam e investem nos títulos para voltar à circulação.

Como exemplo disto, Tania Regina de Luca realizou um levantamento sobre as principais publicações fac-símiles de São Paulo e Rio de Janeiro, apontado que, no exemplo paulista, a escolha dos títulos integra o rol de revistas modernistas ligadas ao grupo de 1922, o que explica a ausência de outras revistas como *Novíssima* (SP, 1923-1926) e *Festa* (RJ, 1927-1928; 1934-1935). Esclarecendo a permanência da legitimidade do grupo paulista, afirma: “[...] em São Paulo, a escolha recaiu sobre títulos consagrados pelas histórias literárias e que integravam o rol de revistas vanguardistas, associadas ao grupo modernista de 1922. [...]” (LUCA, 2011b).

Tal tendência pode ser notada até mesmo em publicação recente, lançada em 2015 pela Imprensa Oficial de São Paulo com apoio de outras instituições paulistas. A coleção *Revistas do Modernismo: 1922-1929* reúne, conforme resenha da própria editora, as “revistas centrais do modernismo brasileiro”, sendo elas: *Klaxon*, *Estética*, *A Revista*, *Terra Roxa e outras terras*, *Verde* e *Revista de Antropofagia*. Mesmo que seja questionável o posto central das revistas, de pronto podemos verificar a permanência de projetos legitimados pelo grupo paulista, em especial, da figura de Mário de Andrade, em oposição aos projetos que destoam e, por isso, são tomados como dissidentes.

Colocadas estas questões quanto ao entendimento de um movimento modernista plural com experiências que expandem dos grandes centros ao meio provinciano, pode-se acompanhar estas especificações na trajetória de formação e contato com outros intelectuais – garantindo espaço e legitimidade – dos dois grupos expoentes do modernismo mineiro: o “Grupo do Estrela”, envolvido na publicação de *A Revista*; e o “Grupo Verde”, responsável pela publicação da revista homônima.

Gênese grupal e sociabilidades

No início dos anos 1920, a então jovem capital mineira, Belo Horizonte, contava com um grupo animado de rapazes, universitários em torno dos seus 20 anos, que partilhavam o interesse pela literatura. A roda era composta por Carlos Drummond de Andrade, Emilio Moura, Milton Campos, Abgar Renault, Francisco Martins de Almeida, Alberto Campos, João Alphonsus e Pedro Nava – para ficar nos nomes mais famosos –, alguns dos quais seguiram amigos pela vida afora. Para retomar a gênese desse cenáculo, dois espaços são fundamentais: a redação do jornal *Diário de Minas* (Belo Horizonte, 1899-1931) e o ambiente cultural que fervilhava na Rua da Bahia, especialmente a Confeitaria do Estrela, local onde se encontravam diariamente para beber e discutir literatura, dando origem ao nome do grupo.

Nesta conjuntura que combinava efervescência de ideias e compartilhamento de um espaço comum, ocorreu também um dos episódios fundadores que propiciou o encontro, com largas consequências para o movimento, dos rapazes mineiros com os modernistas da Semana de 1922: a chegada dos paulistas à cidade de Belo Horizonte.

Composta por Mário de Andrade, Oswald de Andrade e seu filho, Tarsila do Amaral, Olívia Guedes Penteadó, Godofredo Teles e o poeta franco-suíço Blaise Cendrars, a viagem tinha por objetivo mostrar o Brasil ao visitante estrangeiro e neste roteiro estavam incluídas as cidades históricas de Minas Gerais. Este evento não só marcou um novo tempo para os jovens intelectuais mineiros, como alterou os rumos do próprio movimento modernista que, inspirados pela redescoberta da tradição brasileira durante a viagem pelo país, resultou na corrente Pau-Brasil, marco de um novo entendimento sobre o movimento.

Este encontro possibilitou, portanto, uma larga experiência de trocas entre os escritores dos dois estados, sendo a manifestação considerada um marco fundador do modernismo em Minas, nos moldes do que foi a própria Semana de 1922 no contexto paulista. Mais do que acender a fagulha modernista nestes jovens de Belo Horizonte, o encontro foi significativo por estreitar as relações com Mário de Andrade, resultando numa intensa correspondência com Drummond e outros integrantes do grupo Estrela. Por outro lado, a (re)descoberta das cidades históricas mineiras pelos intelectuais paulistas em suas viagens pelo interior do país, se desdobrou em um novo momento para o movimento modernista com a publicação do “Manifesto da Poesia Pau-Brasil” de Oswald de Andrade no jornal *Correio da Manhã* em 18 de março de 1924:

O trabalho da geração futurista foi ciclópico. Acertar o relógio império da literatura nacional.

Realizada essa etapa, o problema é outro. Ser regional e puro em sua época.

Na mesma página em que foi publicado o manifesto de Oswald contém um artigo intitulado “Minas no moderno movimento literário” de Lage Filho que, primeiramente, procura demonstrar que a intelectualidade mineira está a par dos principais movimentos vanguardistas da Europa e do Brasil, não economizando na listagem de nomes e obras, com uma clara inclinação aos intelectuais da “magnífica” *Klaxon*. Ao citar intelectuais cariocas não próximos do grupo paulista, menciona apenas os nomes e termina o parágrafo com reticências, sem dar sua localização. Em seguida, afirma sobre a existência de uma arte verdadeiramente moderna em Minas: “[...] É na literatura, porém, que a mocidade de Minas mais se tem distinguido, sendo notável, mesmo, a altura a que chegou, muito diferente das múmias fardadas que o Rio conhece e lá ninguém leva a sério [...]”. Cita nomes que se destacam na prosa e na poesia e, entre eles, vários nomes do Grupo Estrela. Por fim, lamenta que ainda não exista uma revista modernista em Minas, visto que tornaria conhecidos em todo o país os que “ali empreendem a revolução na estética e no pensamento” (LAGE FILHO, 1924, p. 05). Queixa que, posteriormente, seria resolvida.

Se os jovens mineiros já possuíam, como demonstrado, coesão e proximidade, graças à camaradagem em torno das mesas da Confeitaria Estrela e da redação do *Diário de Minas*, o contato com a caravana paulista ampliou a troca de experiências e apropriação de novas ideias ao modernismo em Belo Horizonte e, paralelamente, o incentivo para que se lançassem à cena nacional com a publicação de *A Revista*.

A ideia de criar uma revista modernista em Belo Horizonte foi logo informada a Mário de Andrade, juntamente com o pedido contido de colaboração ao final da missiva.

O Francisco de Almeida, mais dois amigos e mais eu, está fazendo uma revista cujo número deve sair em junho. Aqui em Belo Horizonte isso de revista não pega. Em todo caso, vamos fazer ainda uma experiência. É claro que contamos com você, se bem que eu seja o primeiro a não querer sacrificar algum trabalho seu, de fôlego, e que por isso mesmo deve aparecer numa revista de circulação realmente grande, peço que nos mande ao menos duas linhas de prosa ou verso, como entender. Perdoe o papel, a tinta, o estilo, o pedido e a amolação do seu Carlos (FROTA, 2002, p. 122).

Tal iniciativa foi prontamente apoiada por Mário: “Achei esplêndida a ideia de vocês fundarem uma revista aí. Isso de morrer não tem importância, o importante é viver um pouco

agitando e encantando a vida” (FROTA, 2002, p. 125). Além do incentivo, enviou como contribuição um capítulo inédito de “Amar, verbo intransitivo”.² Um importante apoio afetivo e efetivo que garantiu a conexão dos mineiros com outros intelectuais dispostos a colaborar e divulgar o trabalho de *A Revista*.

Já o projeto de *Verde* instiga por ter surgido em uma pequena cidade do interior mineiro e obter repercussão nos grandes centros do país: “O fenômeno Cataguases” gerou debate entre contemporâneos e pesquisadores. A cidade foi palco não só do grupo literário responsável pela criação de um periódico modernista e uma editora ligada ao grupo, igualmente chamada Verde, mas também do cinema precursor de Humberto Mauro, que levou a todo país cenas da pequena cidade. Sobre este “fenômeno”, Rivânia Maria Trotta Sant’Ana (2008, p. 50-8) explica que, com base em jornais locais, Cataguases possuía uma estrutura bastante desenvolvida para uma cidade que nos anos de 1920 contabilizava cerca de 16 mil habitantes entre a população urbana e rural.

No caso de Cataguases, não só as dimensões físicas da cidade chamam atenção, mas também a pouca idade dos rapazes que formavam o grupo que se configurou quando estes ainda faziam seus estudos secundaristas, entre eles Rosário Fusco (mais jovem do grupo e, também, principal motivador do projeto), Ascânio Lopes, Guilhermino César, Francisco Inácio Peixoto e outros. Entre os mais experientes, por assim dizer, estava Martins Mendes que atuava como professor do Ginásio Municipal de Cataguases, e Enrique de Resende, o mais velho do grupo com 28 anos, que já havia publicado livro e seguia carreira como engenheiro.

A gênese do grupo de Cataguases se deu no âmbito ginásial, que proporcionava encontro diário entre jovens ainda ligados aos bancos escolares, o que faz do “fenômeno” *Verde* um caso único entre as revistas modernistas. A “inquietação modernista” surgiu entre leituras e debates no Grêmio Literário Machado de Assis e a mobilização em torno da publicação do periódico *Jazz-Band* que contava como colaboradores (utilizando de pseudônimos) os rapazes que posteriormente se organizam na fundação de *Verde*.

A influência exercida pelo grupo de Belo Horizonte é inegável na formação intelectual do Grupo Verde desde a leitura do *Diário de Minas* e posteriormente com *A Revista*. De fato, admitem em seu próprio manifesto a importância que o grupo da capital teve ao abrir

² Apesar da contribuição inédita marcar um gesto de generosidade e confiança, este capítulo ficou de fora da edição final do livro.

espaço para uma inovação intelectual em Minas e, inclusive assumem em nota de fim de página que estes “animaram com o exemplo” para o surgimento da revista *Verde*. Porém, é evidente a necessidade do grupo em desvincular seu projeto de outra publicação modernista anterior, em especial de *A Revista*: “Apesar de citarmos os nomes dos rapazes de Belo Horizonte, não temos absolutamente, nenhuma ligação com o estilo e vida literária deles. Somos nós. Somos VERDES”. Ainda que coincidam o ambiente provinciano mineiro e um conhecimento da produção literária da capital, a experiência de *Verde* configura-se como outro momento do modernismo.

O tom irreverente e combativo que assume *Verde* é frequentemente associado à *Klaxon*, o que não era mero acaso. Ao querer se distanciar do modernismo de *A Revista*, o grupo de Cataguases nutria a proximidade de ideias com o grupo paulista, em especial, por meio das trocas de cartas com Mário de Andrade, que mais uma vez se coloca à disposição de uma nova revista modernista. O início da amizade se deu com a ousadia de Rosário Fusco, que escreveu ao reconhecido poeta pedindo-lhe amizade e colaboração para o próximo número de *Verde*:

Sou de Cataguases, cidadezinha pacata de Minas Gerais. E venho trazer a notícia de que eu e Henrique de Resende fundamos uma revista moderna aqui. *Verde* é o nome da baita. Espero a tua colaboração pra ela (MENEZES, 2013, p. 22).

A partir de então, desenvolve-se uma “amizade cartedeira”³ e longa orientação intelectual, da qual Mário de Andrade não dispensou esforços para auxiliar a publicação da revista, seja angariando colaboradores, palpitando sobre a edição, ou até mesmo financeiramente.

Entre o início da amizade de Mário com os integrantes do Estrela e a iniciativa de criar um periódico modernista na capital mineira, seguiu-se extensa correspondência em que germinou a semente modernista por mais de um ano, durante o qual o poeta paulista pode orientar, acompanhar e legitimar o projeto dos novos modernistas antes destes se lançarem na cena nacional. Na pequena Cataguases, deu-se o oposto, pois o apoio de Mário de Andrade e dos demais paulistas só foi requisitado após *Verde* já estar em circulação e seus responsáveis afirmarem-se “modernistas”, sem precisar consultar aqueles que iniciaram o movimento e se colocavam no vanguardismo brasileiro. Da ousadia destes jovens do interior mineiro, seguiram-

³ Toda a correspondência trocada entre os Verdes e Mário de Andrade, antes esparsa em arquivos pessoais sob guarda familiar, foi reunida e publicada na tese de doutoramento de Ana Lúcia G. R. L. Menezes.

se algumas críticas e orientações dos “experientes” modernistas, quase sempre apontando o problema da “pouca idade” dos verdes. É comum encontrar, nas críticas publicadas em jornais ou nas cartas trocadas por integrantes das revistas anteriores, apontamentos sobre os “erros” destes moços ou a respeito da necessidade de orientá-los no projeto de *Verde*, como foi o caso da carta de Antonio Alcântara Machado a Prudente de Moraes Neto:

Soube pelo Tristão que você, o Bandeira e o Rodrigo estavam com a sinistra intenção de publicar um manifesto contra VERDE. Naturalmente vocês ficaram como toda a gente indignados contra a maneira besta com que aquela rapaziada (16 e 17 anos) redigiu o primeiro número; a língua, a preocupação modernista, a ortografia, a agressividade chué as asneiras e o resto. Mas eu adotei outra atitude. Escrevi a eles dizendo: Vocês escrevem pedra, pensam pedra, são modernistas pedra. Não valem um tostão. No fundo o esforço é ótimo. Tratem de melhorar, pois o pensamento é o estilo. Cresçam bem primeiro. Depois apareçam bem devagarzinho (*Apud* ROMANELLI, 1981, p. 25).

Mesmo entre críticas e ponderações, *Verde* surgia no cenário intelectual como um novo espaço para alguns intelectuais retomarem o debate modernista articulados ao suporte revista. Questão que pode ser visualizada na ampla variedade de colaboradores que aparecem nos números da revista representando diversos estados e países, especialmente aqueles próximos à Mário de Andrade.

Revistas mineiras e suas contemporâneas

A revista *Novíssima* (São Paulo, 1923-1924; 1925-1926), dirigida por Cassiano Ricardo e Francisco Patti, circulou entre dezembro de 1923 a julho de 1926, sendo, portanto, contemporânea dos debates proporcionados pelo Manifesto Pau-Brasil e a sequente entrada de Minas no movimento com a publicação de *A Revista*. Com um ideal bastante restrito de renovação literária, o que lhe garantiu o jocoso apelido de “Velhíssima” (GARIBALDI, 1926), *Novíssima* lançou-se no modernismo como defensora dos valores de Beleza e Nacionalismo (GUELFY, 1987). Contando também com intensa participação de Menotti del Picchia, Plínio Salgado e Alfredo Ellis Júnior, a revista marcou a primeira cisão do grupo paulista, especialmente no desentendimento entre Oswald e Menotti (GUELFY, 1987, p. 131). Esta polêmica foi acirrada com a publicação do “Manifesto anti-pau-brasil” no *Correio Paulistano* pelo cronista Hélios, conhecido pseudônimo de Menotti del Picchia, criticando uma certa necessidade do futurismo paulista em sempre produzir “escândalos” e vendo no Manifesto Pau-

Brasil o interesse de Oswald em criar uma escola, da qual o cronista se coloca contrário e escarnece na comparação com o herói de Alphonse Daudet:

Faço esta declaração porque não há nada de mais pouco brasileiro e anti-moderno que o “pau-brasil”, madeira hoje tão lendária como o baobá de Tartarin de Tarascon... [...]

Opondo-se ao primitivismo de Mário e Oswald, *Novíssima* define sua linha no modernismo ao aproximar-se do “Verde-amarelismo”, corrente com forte caráter nacionalista, que pode ser entendido como raiz dos movimentos políticos Integralista e Bandeira (GUELF, 1987, p. 26). Características que impulsionaram Oswald de Andrade a posteriormente, na *Revista de Antropofagia* (São Paulo, 1928-1929), associar o movimento “Verde-amarelista” a um “Fascismo literário” (*Revista de Antropofagia*, 1929, p. 10).

Quanto à polêmica entre grupos, *Novíssima* publica uma nota no nº11 dizendo “Andam alvoroçados os arraiais literários da Paulicéia com os manifestos de “Pau-Brasil” e “Verde-amarelo” (*Apud* GUELF, 1987, p. 139). Mesmo sendo publicada no calor destes debates, *A Revista* não registra tal polêmica ou emite opinião sobre o verde-amarelismo, nem anuncia novos números de *Novíssima*. Uma característica da revista mineira de manter uma posição mais conciliadora, haja vista a coexistência de contribuições “passadistas” em suas páginas, arrefecendo os ânimos vanguardistas. Soma-se a isso a clara defesa de um nacionalismo com poder centralizador nos artigos de abertura de *A Revista*. Contudo, há de se notar a ausência de colaboradores ligados ao grupo verde-amarelo na revista mineira, tampouco ocorre o inverso.

Já *Verde* teve como sua contemporânea a primeira fase de *Festa*, última revista surgida na década de 1920 que se declara “modernista”. Pode-se caracterizar a publicação, dirigida por Tasso da Silveira e Andrade Murici, como esteticamente próxima ao simbolismo e ideologicamente aliada ao espiritualismo católico e ao nacionalismo integralista de Plínio Salgado, colaborador presente na revista (CACCESE, 1971). A polêmica de *Festa* consiste na reivindicação de uma nova genealogia para o modernismo brasileiro em que o grupo de Tasso e Murici, envolvidos desde 1919 com a publicação de *América Latina* (Rio de Janeiro, 1919-1920), figurasse um novo tempo modernista, questionando, portanto o papel fundador da vanguarda paulista, de suas realizações e dos demais grupos ligados a ela (LUCA, 2011, p. 79-86). A provocação atinge *Verde*, visível no artigo “A Enxurrada” de Tasso da Silveira, que desqualifica as “bestices” produzidas no momento literário:

Mas vocês de nada disto querem saber. Querem escrever, “apenasmente”. Botar o nomezinho por baixo... Por baixo de que? De qualquer bestidadezinha que saia impressa nas páginas das revistas que vocês mesmo fundaram para tal fim. Sou, todavia, um otimista impenitente. E desde que estou com a mão na massa, por que não hei de fazer uma tentativa de incutir nessas cabecinhas algumas noções essencialíssimas acerca do maravilhoso momento de gênese a que vocês assistem, sem atingir-lhe a significação profunda? (SILVEIRA, 1928, p. 4-5)

Ainda que não sejam citados nomes, não há dúvidas sobre a identidade dos “mocinhos” a quem Tasso dirige algumas orientações de poesia modernista, ainda mais pela “Antologia” que reúne versos dos integrantes de *Verde*. Tal atitude incomodou o grupo de Cataguases, como pode-se notar em carta de Rosário Fusco a Mário: “Leu Festa número quatro? O Tasso da Silveira passou uma baita esculhambação na turma verde. Estou puto da vida com ele. Mas ele me paga. Você vai ver só.” (MENEZES, 2013, p. 106).

A resposta, direta e provocativa, saiu no quinto número de *Verde*, com o artigo “Mestre Tasso, otimista impenitente” assinado por Francisco Inácio Peixoto. Inicia o texto expondo a polêmica dos grupos: “Não se pode negar que, si você escreveu esse artigo foi para colocar em evidência, chamando sobre si a atenção dos outros, e para passar também um baratíssimo elogio na gente e na sua turma, na sua *panelinha literária*”. A seu modo, reúne uma antologia de versos e prosa do grupo carioca, mas desta vez identificando a autoria em notas zombeteiras que repetem os elogios dados por Tasso a estes literatos em seu artigo. Francisco I. Peixoto termina seu artigo em tom bastante afrontoso:

Terminarei agora, meu insigne critico jovem. De você nada mais direi. Basta que eu fale somente isto: você é o T da FESTA. Procure no dicionário e veja quantas palavras bonitinhas começam por essa letra. Por exemplo: tolo, trouxe, tabaréu, e etcetera.

A promessa de não mais falar sobre Tasso da Silveira ou sobre seu grupo não se cumpriu, tendo no mesmo número e, também, no seguinte, outras referências aos envolvidos na publicação de *Festa*, o que demonstra que as revistas eram espaços de defesa de seus ideais e posições. Miatizar as polêmicas, seja criticando grupos e posturas ou valorizando outras, é um artifício utilizado para colocar em debate a renovação da arte e das ideias que envolvem o nacional.

Considerações finais

É evidente que, nesta ótica ampliada, saltam as disputas que grupos estabelecem para defender suas posições, bem como a aproximação de outros que partilham interesses em comum. A distância temporal pode conceder vantagens ao pesquisador, como também pode seduzir o olhar a interpretações dualistas e simplificadas. Como bem aponta Mário Camarinha, “a revolução anda no ar” (1974, p. XIX) e, por isso, é em si contraditória e envolvida num convívio plural. Desta forma, é preciso sutileza ao tecer conclusões, levando em conta que muitos destes intelectuais figuram entre os principais colaboradores de suas revistas “inimigas”, como Oswald em *Novíssima*, ou mantêm a divulgação de novos números e obras publicadas por outros grupos. Tal fato pode ser entendido no sentido em que a circularidade de ideias modernistas importa mais do que falar apenas para quem já está próximo.

Contudo, ao optar por uma perspectiva sincrônica, pode-se notar que ambas as revistas desempenharam papel chave na trajetória do movimento modernista. *A Revista* deve ser remetida ao contexto pós publicação do “Manifesto Pau-Brasil”, que insere o movimento sob a ótica do conhecimento e valorização da cultura nacional, além de marcar a projeção do modernismo para além de São Paulo e Rio de Janeiro, ou seja, tratou-se de um novo espaço de integração entre intelectuais locais e os ideais iniciados pela vanguarda paulista de 1922. Dado o início da cisão de grupos no movimento, alguns intelectuais repensavam uma possibilidade de renovação moderada, como exemplifica o caso da revista *Novíssima* e a publicação do “Manifesto anti-pau-brasil” escrito por Menotti del Picchia.

Já *Verde*, embora tivesse surgido de iniciativa autônoma e em boa medida inesperada, circulou num momento em que a leitura paulista já era contestada. Tal fato pode ser visualizado no caso da revista *Festa* que, ao questionar o papel fundador de *Klaxon*, delineou uma nova genealogia para o modernismo brasileiro que teria no grupo liderado por Tasso da Silveira e Andrade Murici o papel principal na renovação da arte nacional, sem esquivar-se de polêmicas.

Entendidas em seu tempo e partindo do pressuposto de um movimento modernista plural em construção ao longo da primeira década, compreende-se a insuficiência da classificação provinciana para as experiências modernistas de *A Revista* e *Verde*, uma vez que ambas estão incorporadas na discussão nacional sobre a renovação estética e apresentam respostas próprias aos problemas do momento em que surgem. Ainda que a distância geográfica possa conferir alguma limitação, foi reduzida pelo contato por correspondências e a

circularidade de ideias, e o regionalismo não é característica marcante nas páginas destas revistas.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Oswald. Manifesto da Poesia Pau-Brasil. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 18 mar. 1924.

ANDRADE, Oswald. Uma adesão que não nos interessa. *Revista de Antropofagia*, 2ª denteção, n.10, *Diário de São Paulo*, 12 jun. 1929.

CACCESE, Neusa Pinsard. *Festa: contribuição para o estudo do Modernismo*. São Paulo: IEB/USP, 1971.

DIAS, Fernando Correia. *O Movimento Modernista em Minas: uma interpretação Sociológica*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1971.

FROTA, Lélia Coelho (Org.). *Carlos & Mário*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi Produções Literárias, 2002.

GARIBALDI, Sady. Modernismo em pratos limpos. *O Globo*. Rio de Janeiro, 9 fev. 1926.

GUELFY, Maria Lúcia F. *Novíssima: Contribuição para o Estudo do Modernismo*. São Paulo: IEB/USP, 1987.

LAGE FILHO. Minas no moderno movimento literário. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 18 mar. 1924.

LUCA, Tania Regina. *Leituras, projetos e (Re)vista(s) do Brasil (1926-1944)*. São Paulo: Editora Unesp, 2011a.

LUCA, Tania R. de. A construção do ideal modernista: o lugar das revistas. In: FLORES, Maria Bernadete Ramos; PIAZZA, Maria de Fátima Fontes. (Orgs.) *História e Arte: movimentos artísticos e correntes intelectuais*. Campinas: Mercado de Letras, 2011b.

MARQUES, Ivan. *Cenas de um modernismo de província: Drummond e os rapazes de Belo Horizonte*. São Paulo: Ed. 34, 2011.

MARQUES, Ivan. *Modernismo em revista: estética e ideologia nos periódicos dos anos 1920*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013.

MENEZES, A. L. G. R. L. *Amizade “carteadeira”*: o diálogo epistolar de Mário de Andrade com o Grupo Verde de Cataguases. 2013. 433 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. Orientação: Prof. Dr. Marcos Antonio de Moraes. São Paulo, 2013.

PRADO, Antonio Arnoni. *1922 – Itinerário de uma falsa vanguarda: os dissidentes, a Semana e o Integralismo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

ROMANELLI, Kátia Bueno. *A revista Verde: contribuição para o estudo do modernismo brasileiro*. 1981. 265 f. (Dissertação de Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. Orientação: Profª Drª Cecília de Lara. São Paulo, 1981.

SANT'ANA, Rivânia M. T., *O Movimento Modernista Verde, de Cataguases – MG: 1927-1929*. Cataguases: Instituto Francisca Inácio Peixoto, 2008.

SILVA, Mário Camarinha. Glossário de homens e coisas da Estética (1924/1925). *In: Estética*. Edição fac-similar. Rio de Janeiro: Gernasa/Prolivro, 1974.

THÉRENTY, Marie-Éve. Pour une poétique historique du support. *In: Romantisme*, 2009/1 (nº 143), p. 109-115. DOI 10.3917/rom.143.0109.